

O NOIVO DEVASTADO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Woodman, Marion
O noivo devastado : a masculinidade nas mulheres / Marion Woodman. – 2ª ed. –
São Paulo : Paulus, 2026.
(Coleção Amor e Psique)

ISBN 978-85-349-6629-0

1. Masculinidade 2. Feminilidade 3. Psicologia analítica I. Título II. Série

26-1753

CDD 150.19

Índice para catálogo sistemático:

1. Masculinidade

Marion Woodman

Tradução: Gustavo Gerheim

O NOIVO DEVASTADO

A MASCULINIDADE NAS MULHERES



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *The Ravaged Bridegroom: Masculinity in Women*

© Inner City Books, Canadá, 2004

ISBN- 0-919123-42-2

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Coordenação da coleção

Dra. Maria Elci Spaccaquerche

Dr. Franklin Chang

Dr. Léon Bonaventure (*in memoriam*)

Revisão

Tiago José Risi Leme, Cícera Martins,
Luiz Henrique Ribeiro Lima

Design

Alicia de Sousa Camelo
Victoria Cristina da Silva Eduardo

Imagem de capa

A Primavera (1482), de Sandro Botticelli

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2006

2ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Teleendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br
ISBN 978-85-349-6629-0

ÍNDICE

Introdução à coleção <i>Amor e Psique</i>	7
Introdução	11
1. O extermínio do dragão: assassínio ou sacrifício?	19
2. Mágicos, traquinas e palhaços: a masculinidade nas dependências	51
3. A mãe como patriarca	95
4. Meu amor, pode me dar uma esmola?	145
5. Aleijados, rebeldes e criminosos	181
6. A noiva	223
7. O noivo	263
Bibliografia.....	303

INTRODUÇÃO

À COLEÇÃO AMOR E PSIQUE

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida, o homem descobriu novos caminhos que o levam para a sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se um lugar novo de experiência. Os viajantes desses caminhos nos revelam que somente o amor é capaz de gerar a alma, mas também o amor precisa da alma. Assim, em lugar de buscar causas, explicações psicopatológicas às nossas feridas e aos nossos sofrimentos, precisamos, em primeiro lugar, amar a nossa alma, assim como ela é. Deste modo é que poderemos reconhecer que estas feridas e estes sofrimentos nasceram de uma falta de amor. Por outro lado, revelam-nos que a alma se orienta para um centro pessoal e transpessoal, para a nossa unidade e a realização de nossa totalidade. Assim, a nossa própria vida carregará em si um sentido, o de restaurar a nossa unidade primeira.

Finalmente, não é o espiritual que aparece primeiro, mas o psíquico, e depois o espiritual. É a partir do olhar do imo espiritual interior que a alma toma seu sentido, o que significa que a psicologia pode de novo estender a mão à teologia.

Esta perspectiva psicológica nova é fruto do esforço para libertar a alma da dominação da psicopatologia, do espírito analítico e do psicologismo, para que volte a si mesma, à sua própria originalidade. Ela nasceu de reflexões durante a prática psicoterápica, e está começando a renovar o modelo e a finalidade da psicoterapia.

É uma nova visão do homem na sua existência cotidiana, do seu tempo, e dentro de seu contexto cultural, abrindo dimensões diferentes de nossa existência para podermos reencontrar a nossa alma. Ela poderá alimentar todos aqueles que são sensíveis à necessidade de colocar mais alma em todas as atividades humanas.

A finalidade da presente coleção é precisamente restituir a alma a si mesma e “ver aparecer uma geração de sacerdotes capazes de entender novamente a linguagem da alma”, como C. G. Jung o desejava.

Léon Bonaventure



Margot Fonteyn e Rudolf Nureyev

INTRODUÇÃO

A batalha dos sexos está ficando mais cruel? Como é que o patriarcado aumentou a distância entre os homens e as mulheres? Por que os nossos esforços para diminuir essa diferença falham? Por que é importante uma compreensão das dinâmicas inconscientes? Como podem os sonhos nos guiar na cura de nós mesmos, de nossos relacionamentos, de nosso planeta? Essas são algumas das questões tratadas neste livro.

Como analista, eu trabalho com muitos sonhos toda semana. Enquanto meus analisandos debatem-se com o que lhes parecem ser imagens isoladas, eu vejo as mesmas imagens, ou imagens semelhantes, repetindo-se de hora em hora no meu consultório e nos sonhos de participantes de vivências de um lado ao outro do país. Quando vejo um sonho emergindo, estudo uns vinte ou trinta sonhos girando em torno daquela questão específica. Eu tento analisar onde a energia está bloqueada (e, portanto, indisponível para o ego), como ela pode ser liberada, e para onde está tentando ir. Quando vejo o que parece ser um padrão, escolho um sonho que resuma as linhas de energia mutáveis, concentro-me nele e checo minhas conclusões com sonhos semelhantes. Enquanto todo sonho é único para o sonhador, padrões arquetípicos emergem revelando energias em expansão no inconsciente coletivo da cultura. Eles apontam a direção na qual a consciência provavelmente evoluirá.

Com exceção de um, todos os sonhadores neste livro estiveram em análise e em algum tipo de trabalho

corporal por pelo menos cinco anos. Eles compreendem a importância de se meditar sobre uma imagem para poder encontrar seu poder curador e seu potencial para guiá-los em sua vida externa. Eles estão desenvolvendo a habilidade para poder interpretar seus próprios sonhos. Como todo mundo, eles, algumas vezes, necessitam do olhar do outro que retira o cisco de seu próprio olho; em geral, são capazes de sentir e penetrar no que pode ser revelado em um sonho, e de honrar o mistério do que não pode.

Muitos sonhos, especialmente aqueles que surgem das profundezas arquetípicas, são mais como um drama clássico. A arte verdadeira também vem dessas profundezas e possui certas similaridades com a estrutura, imagem e linguagem dos sonhos – como fotografias da situação consciente tiradas de um ponto de vista inconsciente.

Pode-se argumentar, é claro, que muitos sonhos modernos, como as criações artísticas modernas, são um “amontoado de imagens despedaçadas” vindo de um campo arquetípico fragmentado, onde o padrão, como em um poema como *A terra devastada* ou em um romance como *Ulisses*, funciona em um nível mais subliminar. Pode-se argumentar que, ao se trazer o sonho do inconsciente para a consciência, algo de seu poder subliminar é perdido, assim como as notas de Eliot sobre *A terra devastada* tendem, se lidas de forma muito escrupulosa, a atravancar o poema em vez de iluminá-lo.

Também se pode argumentar que analisar um sonho é como partir um soneto de Shakespeare em pedaços na sala de aula. Se, contudo, damos tanto valor a um soneto que gastamos horas compreendendo como a imagem básica funciona, como as aliterações estão mantendo a música das vogais em uma frase como “sessions of sweet silent thought” (sessões de suave e silencioso pensamento), como

esses tons estão tocando nosso sentimento, como tudo isso e muito mais está orquestrando quatorze linhas em uma totalidade magnífica, então somos capazes de ler o poema em voz alta e ser silenciados pela presença do gênio.

O mesmo se dá nos sonhos. Quem é esse incrível gênio com o qual dormimos todas as noites? O que é esse reino no qual imagens exatas revelam nosso mundo interno e conecta-o com o mundo externo? Como quer que tentemos nomear o gênio, um padrão básico emerge. Jung chamava-o de um gradiente natural para a totalidade, guiado pelo Si-mesmo (imagem de Deus interna e centro regulador da personalidade).

É como se a vida, quando está realmente sendo vivida, fosse uma série de canais de nascimento. Nós seguimos um caminho por certo período e, de repente, ou aos poucos, começamos a nos sentir insatisfeitos. Nosso trabalho não nos desafia mais, nosso parceiro não nos estimula mais, as velhas maneiras não satisfazem mais. Se nos relacionamos com os ritmos naturais da psique, encontramos-nos em um útero, retirados do mundo, sem estarmos certos de quem somos ou de para onde estamos indo. Se pudermos ficar com a dor da morte do velho, e suportar a crucifixão da transição, por fim nasceremos como um novo ser. Poderemos desfrutar o novo platô por alguns anos, depois os opostos começarão a se partir em pedaços de novo, forçando-nos a novos níveis de consciência. Às vezes sentimos que estamos subindo, outras vezes descendo – qualquer direção é sempre para cima e para baixo. A flor-de-lótus, que se abre para o sol, tem suas raízes bem no fundo da lama nutritiva.

Este livro concentra-se na masculinidade e na feminilidade, que se desenvolvem como duas energias dentro de cada indivíduo, ambas esforçando-se para atingir uma

harmonia interna. Enquanto essas energias são projetadas nos outros, roubamos de nós mesmos nossa própria maturidade e nossa própria liberdade. Até que tomemos responsabilidade por essas projeções, um relacionamento genuíno é impossível por estarmos presos às nossas próprias imagens em vez de nos relacionarmos com novas possibilidades que expandem os nossos limites.

A agonia dos relacionamentos falidos está cada vez mais forçando os indivíduos a buscar alguma compreensão sobre o que seja a masculinidade e a feminilidade liberadas. Como é que podemos libertá-las das mitologias desgastadas nas quais estão enterradas?

*

Essa questão tornou-se assustadoramente urgente na noite em que liguei a televisão e fiquei sabendo da tragédia que havia atingido a Universidade de Montreal. Um homem armado, gritando: “Vocês são todas um bando de feministas!”, havia entrado em uma sala de aula, separado os homens das mulheres e, ao final da carnificina, matado quatorze mulheres, ferido outras treze pessoas (doze mulheres e um homem), e virado depois a arma para si mesmo. Nossa nação sofre pelos mortos, por suas famílias, pela sociedade na qual uma violência tão estúpida pode ocorrer. Com certeza, esse foi o ato de uma mente extremamente perturbada, mas tais mentes pegam o que está presente consciente ou inconscientemente no coletivo. O ódio profundo pelas mulheres, disparado por uma arma semiautomática, traz à tona outros arsenais de medo, amargura e fúria, tanto nos homens quanto nas mulheres.

Nossa dor comum pode desencadear a consciência que transformaria o ato assassino em um sacrifício significativo

– um sacrifício profundo o bastante para revolucionar nossa sociedade. Nossas lentes sentimentais foram destruídas. Questões cuidadosas estão sendo levantadas: Essa tragédia demonstrou algo endêmico em nossa sociedade? A feminilidade em ambos os sexos está em perigo? As imagens na tela lembram imagens de sonhos contemporâneos que claramente revelam uma situação semelhante no inconsciente de muitos homens e mulheres. Essa tragédia, essa tragédia humana, nos chama a todos a olhar para a nossa própria sombra de poder.

Um vento está soprando no mundo inteiro. Ele deixou talvez centenas de estudantes chineses mortos ao tentarem confrontar o antigo regime. Suas mortes não foram em vão. Quando o mesmo vento atingiu a Tchecoslováquia, os cidadãos viram seus estudantes serem surrados pela sua própria polícia, levantaram-se e disseram: “Basta”. Eles se aglomeraram aos milhares na praça Wenceslas, os maxilares firmes, os olhos brilhantes, exigindo liberdade. Na Polônia, Lech Walesa colocou seu broche da Virgem Negra na lapela e guiou seu povo em uma revolta ordenada. Neste mesmo dia em que escrevo estas linhas, o exército na Romênia juntou-se à população em sua tentativa de criar uma sociedade mais justa. As pessoas comuns na Europa Oriental estão se levantando contra os ditadores sufocantes. Com sua própria força e visão, estão derrubando a antiga ordem. O mesmo vento sopra na África do Sul, na América Central e em várias outras regiões no planeta. A aldeia global está passando pelo caos do renascimento.

O mesmo vento sopra na América do Norte. Nós não ousamos nos enfiar em nossos edredons confortáveis, presunçosamente felizes por aqueles do Velho Mundo estarem por fim encontrando a liberdade que já alcançamos.